

NOTAS ACERCA DO ESTUDO DAS CIDADES
DA ÁFRICA AO SUL DO SARA

A extensa bibliografia sobre as cidades em África, produzida particularmente depois da segunda guerra mundial, comprova a importância daquele tema. Perante os numerosos resultados de investigações científicas nos campos da geografia, da etnologia, da história, da sociologia, da economia, da política, da estatística, da saúde e nutrição, etc., começa a tornar-se necessário encarar o estudo do dinamismo das cidades e dos processos da urbanização através de métodos mais apropriados a uma investigação interdisciplinar dos problemas urbanos africanos, que permitam apontar as orientações mais adequadas para os elementos que constituem actualmente a amálgama quase amorfa de contribuições; chegar à definição de novas orientações, que não sejam exactamente as orientações teóricas utilizadas nas áreas do mundo ocidental.

Várias conferências internacionais têm estimulado o interesse dos estudiosos de diversos aspectos das cidades da África negra. A título de exemplos citaremos as de Abidjan (1954), sob os auspícios da UNESCO, em torno dos aspectos sociais da industrialização e da urbanização na África ao sul do Sara ⁽¹⁾; de Kampala (1959), sobre «Kinship, status and neighborhood under economic conditions in tropical Africa»; de Edimburgo (1963), sobre os efeitos da urbanização nas modificações sociais africanas ⁽²⁾; de Bordéus, organizada pelo Centre d'Études de Géographie Tropicale, do C. N. R. S., entre 29 de Setembro e 2 de Outubro de 1970, com a presença de representantes de cerca de 30 países e numeroso público. Em muitos países desenvolveram-se centros de estudos africanos, em cujos programas avultam as rubricas dedicadas aos processos da urbanização. Basta folhear os volumes e os suplementos bibliográficos de *African Urban Notes*, publicação ciclostilada iniciada em Abril de 1966, do «Center for African Studies», da Michigan State University, para se ter uma ideia da riqueza e da variedade dos temas já trabalhados ou em fase de investigação. Noutros, como na França, ou na Alemanha, mantiveram-se os interesses tradicionais de estudos sobre este tipo de problema geográfico. Servem de exemplo, entre os trabalhos mais recentes, a monografia de *Dakar. Métropole Ouest-Africaine*, Dakar, 1970, 516 pp., por ASSANE SECK, e a tentativa de síntese geral comparativa das grandes cidades tropicais, em *Die Grosstädte der Tropen. Ein geographischen Vergleich*, Tübingen, 1969, 236 pp., por ROLF STURM. Este autor indica, numa bibliografia extensa, mas não completa, mais de duzentos títulos sobre cidades africanas (pp. 212-224).

⁽¹⁾ *Aspects Sociaux de l'Industrialisation et de l'Afrique au Sud du Sahara. (Étude réalisée sous les auspices de l'Unesco par l'Institut International Africain sous la direction de Daryll FORDE avec la collaboration de divers auteurs)*, Paris, UNESCO, 1956, 520 pp.

⁽²⁾ *Urbanization in African Social Change. (Proceeding of the Inaugural Seminar held in the Centre of African Studies — University of Edinburgh, 5th — 7th January, 1963)*, Edinburgh, Centre of African Studies, 1963, 205 pp.

São duas obras que exemplificam bem os caminhos tradicionalmente percorridos pelos geógrafos: 1) monografias sobre os factores geográficos da localização e do crescimento (demográfico e funcional) de uma cidade, vista como individuo espacial e temporal, geralmente em relação com os grandes temas da industrialização e produtividade; 2) estudos comparativos de sistemas urbanos e do impacto da urbanização sobre os padrões espaciais da produção económica, em linhas mais teóricas que os anteriores. Em qualquer dos casos, representam os resultados de um tipo de investigação básica (apresentação geográfica de paisagens urbanas; comprovação de certas definições ou teorias). São menos frequentes os de investigação aplicada (aplicação de teorias na resolução de problemas restritos; proposta de formas de *contrôle* e de facilidade de decisão), como *Land Use in Central Cape Town. (A Study in Urban Geography)*, Cape Town, 1965, XII + 113 pp., por HYWEL DAVIES, que é uma tentativa da aplicação do método já clássico, desenvolvido pelos americanos R. E. MURPHY, J. E. VANCE e B. J. EPSTEIN (1954-1955), para a delimitação e caracterização da área de maior concentração de serviços e actividades lucrativas naquela cidade; *The Towns of Ghana: the role of service centres in regional planning*, Accra, 1964, 98 pp., por DAVID GROVE e LASZLO HUSZAR, uma análise dos equipamentos de serviços de 258 centros, como proposta de apoio para a formulação de planos regionais, partindo da definição de cidade como «lugar central».

Ao sul do Sara, com excepção de pequenas áreas da África Ocidental, as cidades não resultaram da evolução normal dos sistemas culturais africanos, mas da imposição de organismos históricos integrais, transportados pelos colonizadores europeus a partir do século XVI (e, até muito antes, pelos comerciantes árabes instalados numa porção da costa oriental). Na sua dimensão espacial, o processo assim desencadeado provocou a transformação de sistemas geralmente inter-relacionados, mas relativamente indiferenciados, baseados na localização territorial, em um sistema de escala mais larga, apoiado na localização funcional e numa organização altamente estruturada. De uma maneira geral, as sociedades tradicionais africanas usavam recursos locais para a satisfação das suas necessidades. A intromissão dos Europeus, alterando a ordem dos processos normais da evolução, teve como resultado a geração de novos padrões. Em poucas palavras, deram-se fenómenos complexos de introdução, sobreposição e justaposição de dois tipos muito diferentes de organização do espaço: o territorial (tradicional) e o funcional (colonial). O regime colonial conduziu a uma especialização intra-espacial e a uma integração interespaçial, facilitadas pelo desenvolvimento das vias de comunicações e dos meios de transportes, apoiados em centros de coordenação (ou, como se diz hoje, «lugares centrais») hierarquizados; a organização do tipo metropolitano, com os seus centros de produção e de *contrôle*, foi imposta, completamente crescida, em ambientes onde, muitas vezes, nem sequer existiam formas regulares de povoamento humano.

Uma das maiores dificuldades reside ainda na própria definição de «cidade». Aceita-se que seja uma unidade regional, com génese particular, funções específicas e qualidades fisionómicas próprias: o *habitat* da *élite*, o foco da instrução e da cultura, o centro importante do comércio e da finança, contendo ainda o parque industrial, e a sede do governo, o núcleo de origem das grandes inovações, o nó fundamental de comunicações, o ponto de contacto com o mundo exterior, etc. Na prática, tem-se partido do princípio que toda a gente sabe o que é «cidade»... e nada mais! Todavia, ela permanece como uma das principais personagens no enredo histórico das nações africanas modernas. Por outro lado, existe a necessidade de distinguir «a cidade» (estrutura individual), de certos tipos de definição generalizada (cidades tradicionais, administrativas, industriais, etc.). Sem negar as semelhanças que vão para além do facto de todas elas poderem ser chamadas «cidade», há enormes diferenças, quer entre duas cidades de países muito distanciados, quer entre centros urbanos de um mesmo país.

A luz da evolução actual do fenómeno da urbanização, os sistemas urbanos, bem como as áreas individuais que os compõem, são demasiado importantes como partes fundamentais da moderna organização do espaço. A ordem colonial estabeleceu uma relação simbiótica instável entre o sistema territorial e o funcional; nela, as cidades são os campos de origem de novas relações. Por exemplo, agem como magnetos para as populações rurais, que para elas se encaminham em grandes massas, impreparadas, mas exigindo já os benefícios oferecidos por uma estrutura industrial moderna; contudo, podendo sugerir tais recompensas, as cidades africanas estão longe de terem competência para satisfazê-las.

A aceleração recente do crescimento da população urbana, fenómeno irreversível e em ritmo explosivo, que tem em África intensidades invulgares, impõe simultaneamente uma grande diversidade de problemas que obrigam à improvisação de soluções ainda mal amadurecidas. A maioria dessa população, fazendo parte das comunidades urbanas em que vive, continua ainda a pertencer às comunidades rurais de onde saiu; é um dualismo que dificulta a definição do seu grau de urbanização. Entretanto, esta constitui o aspecto económico e social mais saliente na vida da África de hoje. Enquanto na maior parte dos territórios africanos as suas populações totais duplicaram em períodos de 25 a 40 anos, as respectivas populações urbanas tiveram multiplicação análoga em menos de 15 anos, avolumada particularmente por massas de imigrantes. Muita desta gente acumula-se nos bairros de miséria que rodeiam as áreas urbanizadas das cidades; formam-se assim dois quadros de heterogeneidade humana e social, de pluralismo cultural e de diferenciação económica, integrados na paisagem urbana.

Como fenómeno geral, a urbanização reveste-se, por toda a parte, de idênticos problemas demográficos e económicos, com as suas consequências sociais, económicas e políticas; contudo, os seus factores múltiplos agem de modo diferente, conforme o país ou a região. Desta

forma, tornam-se cada vez mais necessários os estudos comparativos, para os quais a África oferece oportunidades invulgares. Dentro do conceito actual da geografia levantam-se, desde logo, dois aspectos importantes: 1) natureza dos processos pelos quais as cidades têm evoluído, de formas sociais altamente tradicionais e pré-industriais, para as de sociedades modernas com sistemas completamente diferentes de organização económica, social e política; portanto, a organização dinâmica da cidade; 2) relações das cidades com os sistemas gerais das áreas que as envolvem, ou dos países onde se situam; isto é, a natureza das influências territoriais dos centros urbanos. Correspondem assim a duas noções gêmeas, que definem o tipo de desenvolvimento de um agregado urbano e aparecem constantemente interligadas: especificação estrutural crescente e organização funcional num espaço.

Os trabalhos preliminares para a descoberta das novas orientações, adequadas à problemática africana, poderiam ser conduzidos através da exploração de tentativas conceptuais e metodológicas aplicadas à análise dos fenómenos urbanos em África; do reconhecimento de áreas específicas de investigação urbana para as diferentes disciplinas de estudo; da definição de métodos de inquérito melhor adaptados aos vários objectivos da investigação interdisciplinar.

Apresentamos este texto como um apontamento de considerações teóricas em torno de aspectos e problemas do crescimento urbano na África ao sul do Sara, um tema tão importante como apaixonante.

ILÍDIO DO AMARAL